



# A DEMOCRACIA EM GILBERTO FREYRE E SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

ARTIGO

*Maria José de Rezende\**

*Resumo:* Este artigo é uma reflexão sobre a problemática da democracia segundo dois importantes pensadores brasileiros: Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda. Buscou-se demonstrar os fundamentos de duas estratégias de análises distintas, as quais elaboraram, cada uma a seu modo, uma reavaliação da sociedade brasileira no que consiste aos seus padrões de domínio e de cultura.

*Palavras-chave:* Brasil - democracia - autoritarismo - raça - cultura - público - privado.

## INTRODUÇÃO

Os textos que servirão como ponto de partida para esta análise foram escritos nas décadas de 30 e, principalmente, na de 40. Assim sendo, convém expor resumidamente as principais temáticas que se colocavam desde o começo do século, uma vez que foi a partir delas que tanto Gilberto Freyre quanto Sérgio B. de Holanda, cada um a seu modo, construíram uma vasta reflexão.

Tanto Gilberto Freyre<sup>1</sup> quanto Sérgio Buarque de Holanda<sup>2</sup> participaram ativamente dos inúmeros debates, tais como: ethos nacional, identidade nacional, cultura brasileira, nacionalismo, regionalismo, etc., que vinham florescendo há algumas décadas, mas que ganharam centralidade e fôlego nos anos 20 e 30.

<sup>1</sup> FREYRE, G. *Perfil de Euclides da Cunha e outros Perfis*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1944. (Discussão sobre Augusto dos Anjos e Euclides da Cunha – Artigo escrito em 1924).

Ib., *Manifesto regionalista de 1926*. 6ª ed. Recife, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1976.

<sup>2</sup> BARBOSA, F. de Assis (org). *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Rio de Janeiro, Rocco, 1989. (Coletânea de textos de Sérgio B. de Holanda dos anos 20 sobre as mais diversas temáticas).

Ib., *Verdes anos de Sérgio Buarque de Holanda: ensaio sobre sua formação intelectual até Raízes do Brasil*. In: *Sérgio Buarque de Holanda Vida e Obra*. São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura, IEB/USP, 1988.

\* Pós-Graduanda do Departamento de Sociologia da FFLCH-USP.



**A democracia em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda**

Maria José de Rezende

<sup>3</sup> MARTINS, W. *História da inteligência brasileira*. V.5 (1897-1914). São Paulo, Cultrix, Edusp, 1977-78. p. 294.

<sup>4</sup> Ibid.

<sup>5</sup> Silvío Romero tinha como temática básica a questão das raças que constituíram o povo brasileiro. Ver a sua discussão sobre o papel do português na formação do povo brasileiro, onde destaca a especificidade cultural de nossos colonizadores.

ROMERO, S. *História da literatura brasileira*. V.1. 6<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1960. p. 104-121.

<sup>6</sup> Antônio Cândido afirma que Silvío Romero era um “democrata combativo e por vezes incoerente”, sendo inegável, porém, um certo modo de racismo.

MELLO E SOUZA, A. C. Sérgio, o radical. In: *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*. SP, Secretaria de Cultura, IEB/USP, 1988.

A partir da última década do século XIX, já se detectava uma preocupação com o que Wilson Martins, em *História da Inteligência Brasileira*<sup>3</sup>, denominou de “um Brasil diferente” que “começava a inquietar Silvío Romero e outros tradicionalistas, como, trinta e cinco anos mais tarde, iria inquietar Gilberto Freyre e os novos nacionalistas, todos sob o clamor de ‘uma cultura ameaçada’. O que nem todos parecem ter percebido é que a nova definição do Brasil tendia, completamente, para a diversidade cultural e sociológica dentro da unidade política e nacional: a cultura brasileira não estava sendo ameaçada, estava apenas passando pelas metamorfoses normais da vida de um povo; o que estava ameaçado e devia realmente desaparecer, era o conceito lusitano de Brasil”<sup>4</sup>.

A questão da consolidação de uma civilização brasileira, que era enfatizada nos primeiros anos deste século, levava diversos pensadores a um amplo debate sobre as raças. Silvío Romero<sup>5</sup>, Manuel Bonfim, Oliveira Martins, Raimundo Nina Rodrigues, dentre outros, participavam desta discussão.

A inferioridade racial do brasileiro era amplamente destacada em diversos escritos. Silvío Romero<sup>6</sup> e Nina Rodrigues insistiam na necessidade de buscar as causas de nossa inferioridade, como povo, nos africanos e nos seus descendentes. E, devido ao alto grau de miscigenação da população brasileira, nossa inferioridade era tida como insuperável.

Na segunda década do século XX, tem início um período nacionalista. A questão étnica foi largamente destacada como fator importante na fundação de um país cultural e politicamente diverso. A criação de uma consciência nacional, tema fundamental nas discussões da segunda década deste século, ligava-se à necessidade de alcançar uma dada organização social. Alberto S. M. Torres (1865-1917) expressou com veemência essa preocupação, em 1914, nos livros *O Problema Nacional Brasileiro e A Organização Nacional*.

Juntamente com a discussão sobre a necessária organização nacional, ganha fôlego na década de 20, a crítica ao liberalismo. Este foi um dos temas tratados por Oliveira Vianna (1883-1951), no livro



*O Idealismo da Evolução do Império e da República*,<sup>7</sup> de 1922. A ênfase recaía na argumentação de que o liberalismo correspondia a outros cenários, mas seu significado era totalmente modificado no Brasil, à medida que se confundia com o caudilhismo local ou provincial.

As críticas ao liberalismo, naquele momento, elucidam o caminho que tomou, nos anos seguintes, a crítica à democracia liberal. Nos anos 20 já se definiam concepções de democracia centradas na relação massa/elite que invadiu o pensamento político dos anos 20 e 30.

A elite estaria incumbida de realizar um grande projeto, e isto era justificado, principalmente, pela concepção de superioridade e inferioridade racial. Oliveira Vianna, no livro *Populações Meridionais do Brasil*, de 1920, discute as desigualdades sociais tendo como base a genealogia racial. Nesta obra, o conceito de raça visava justificar tanto a superioridade quanto a inferioridade de certos indivíduos ou grupos.

“Oliveira Vianna consolidaria cada vez mais o seu prestígio, pelo menos até a mudança sensível de mentalidade, que ocorreria cerca de dez anos mais tarde e que se poderia simbolizar na obra de Gilberto Freyre”<sup>8</sup>.

O livro *Casa Grande e Senzala* nasce como uma reação às idéias de Oliveira Vianna e a toda uma mentalidade que se cristalizava na época. O modernismo antilusitano dos anos 20, dentre outras questões, por exemplo, foi combatido por Freyre ao destacar a plasticidade do português no 1º capítulo de *Casa Grande e Senzala*. Os elementos destacados por Gilberto Freyre nos anos 30, como afirma Antônio Cândido, causaram um impacto radical num sentido positivo de brotar “muita coisa avançada, que influiu no pensamento e atitudes progressistas, como a importância dada ao negro”<sup>9</sup>. Tanto Gilberto Freyre quanto Sérgio Buarque de Holanda seriam portadores, cada um a seu modo e de forma diferente, de um radicalismo fecundo, segundo Antônio Cândido.

Nos anos 20, as discussões sobre as tendências políticas, étnicas e sociais trazem para o plano político debates a respeito de:

#### A democracia em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda

Maria José de Rezende

<sup>7</sup> OLIVEIRA VIANNA, F. J. de. *O idealismo da evolução política do império e da república*. São Paulo, Biblioteca d'O Estado de São Paulo, 1922. 96p.

<sup>8</sup> MARTINS, op. cit. v. 6. p. 194.

<sup>9</sup> MELLOESOUZA, A. C. Sérgio, o radical. In: *Sérgio Buarque de Holanda: Vida e obra*. op. cit. p. 64.



**A democracia em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda**

Maria José de Rezende

centralização, unidade nacional, democracia, etc., tendo como pano de fundo a problemática da identidade cultural.

Conforme afirmou Wilson Martins, a questão da democracia no final da década de 20, e nos primeiros anos da década de 30, vinha associada ao problema das raças, e, mais especificamente, do negro. O regime forte era tido como o único propício às condições raciais que prevaleciam no Brasil. Fundado no princípio da superioridade racial dos brancos, um governo forte era tido como o único capaz de dirigir uma nação de mestiços<sup>10</sup>.

As discussões de Sérgio Buarque de Holanda e de Gilberto Freyre, desenvolvidas nesse período, têm que ser consideradas como uma tentativa de repensar a realidade brasileira, a partir das inúmeras questões que se colocavam desde o começo deste século. A problemática da democracia deve ser pensada também desta maneira. As concepções de democracia dos dois autores aqui analisados estão eminentemente ligadas às suas estratégias e perspectivas de análises na interpretação do Brasil, que são distintas. Dar conta da estratégia de análise de Gilberto Freyre, por exemplo, é pensar toda a problemática metodológica que serve de suporte para as suas análises, o que é impossível fazer no âmbito deste trabalho.

A discussão de Gilberto Freyre sobre sociologia regional e sociologia histórica em *Sociologia: Introdução ao Estudo de Seus Princípios*<sup>11</sup> esclarece o quadro metodológico que sustenta as suas análises. Diz Gilberto Freyre que a sociologia de região é aquela em que o pesquisador procura “reunir, para a análise de cada região, eco-sócio-cultural, um conjunto de métodos gerais: o geográfico, o antropológico, o histórico, o econômico, o político, o sociológico. A análise que se empreende é complexa: da totalidade regional”<sup>12</sup>.

A sociologia histórica ou genética objetiva compreender a “história de grupos, instituições e pessoas e sendo, quanto possível, história natural, torna-se, de certa altura em diante, peculiarmente humana, social e cultural através não da simples descrição mas também da compreensão, pelo sociólogo, dos fenômenos sociais, pessoais e de cultura”<sup>13</sup>. A estratégia de Gilberto Freyre, na análise da democracia, insere-se neste quadro metodológico ao destacar os

<sup>10</sup> MARTINS, op. cit. p. 454-455.

<sup>11</sup> FREYRE, G. *Sociologia: introdução ao estudo de seus princípios*. RJ, J. Olympio, 1957.

<sup>12</sup> Ibid, v.2, p. 439-440.

<sup>13</sup> Ibid, p. 503.



fatores culturais, as circunstâncias ambientais, os equilíbrios de oportunidades, etc<sup>14</sup>. Ao tomar a democracia racial como um dos aspectos básicos do processo de democratização da vida social, que está arraigado na nossa formação cultural e que, portanto, antecede a nossa organização política, ele deixa evidente que era um despropósito defender um governo autoritário em nome de nossa inferioridade racial.

Prevalencia nos anos 30 uma concepção autoritária de democracia (Azevedo Amaral, Plínio Salgado, Oliveira Vianna, etc.). Em 1936, Sérgio Buarque de Holanda desenvolve uma discussão sobre democracia fora da concepção autoritária prevalecente, tentando “demonstrar a existência de um vínculo social não-político que une (o homem brasileiro) até mesmo dentro da mais acentuada desigualdade”<sup>15</sup>.

A questão da democracia, em Sérgio Buarque de Holanda, tem que ser analisada, também, à luz de sua estratégia de análise que era “desvendar no presente as `sobrevivências arcaicas` do passado (levando-o) a uma concepção libertária e relativista do processo histórico, propícia à tarefa, que se impunha, de renovar as diretrizes de interpretação do processo de formação da sociedade e do Estado no Brasil”<sup>16</sup>.

## GILBERTO FREYRE E A QUESTÃO DA DEMOCRACIA

### Aspectos gerais

A questão da democracia em Gilberto Freyre será pensada, basicamente, a partir dos seguintes livros: *Casa Grande e Senzala*, *Nordeste*, *Sobrados e Mucambos*, *Interpretação do Brasil* e *Ordem e Progresso*<sup>17</sup>. Outros textos<sup>18</sup> do referido autor poderão ser utilizados na medida em que contribuírem para elucidar o tema aqui analisado.

Convém esclarecer que a escolha destes textos deve-se à significação dos mesmos diante dos elementos que serão privile-

### A democracia em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda

Maria José de Rezende

<sup>14</sup> Freyre, G. *Interpretação do Brasil*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1947.

<sup>15</sup> PECAUT, D. *Os intelectuais e a política no Brasil*. SP, 1990. p.37.

<sup>16</sup> DIAS, Maria Odila, L. da Silva. Sérgio Buarque de Holanda, historiador. In: *Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo, Ática, 1985. p.10. Col. Grandes Cientistas Sociais, nº 51.

<sup>17</sup> FREYRE, G. *Casa grande e Senzala*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1933  
Ib, *Nordeste*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1937.  
Ib, *Sobrados e Mucambos*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1936.  
Ib, *Interpretação do Brasil*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1947.  
Ib, *Ordem e progresso*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1959.

<sup>18</sup> Ib., *Aventura e rotina*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1953.  
Ib, *Quase política*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1950.



**A democracia em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda**

Maria José de Rezende

<sup>19</sup> MARTINS, W. *História da inteligência brasileira*. São Paulo, Cultrix, Edusp, 1977-1978. V.5 e V.6.

BASTOS, E. R. A formação nacional e o ensaísmo dos 20. *Gilberto Freyre e a formação da sociedade brasileira*. São Paulo, Tese de doutoramento, PUC, 1986. Mimeografado. p. 84 - 123.

<sup>20</sup> Sobre a relação família e sociedade ver: BASTOS, E. R. O patriarcalismo: família e sociedade. In: *Gilberto Freyre e a formação da sociedade brasileira*. São Paulo, Tese de doutorado/PUC, 1986. Mimeografado. p. 124 - 173.

<sup>21</sup> MARTINS, op. cit, v. 5, p.5.

<sup>22</sup> FREYRE, G. *Casa grande e senzala*. op. cit, 1º capítulo.

<sup>23</sup> *Ib.*, *Sobrados e mucambos*. T. 2. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1961. p.355.

giados para a compreensão da questão da democracia segundo Gilberto Freyre. O livro *Casa Grande e Senzala* será considerado um texto de base, na medida em que nele o autor procura os fundamentos da identidade nacional e da questão de domínio.

Gilberto Freyre demonstra, neste texto de 1933, que existem elementos não-palpáveis, não-visíveis, que são definidores de uma identidade nacional e preexistentes a uma dada organização política, concepção que o diferencia completamente de Oliveira Vianna, por exemplo<sup>19</sup>.

A família é tomada por Gilberto Freyre<sup>20</sup> como a unidade básica não apenas de nossa formação, mas também de “desenvolvimento e transformações da sociedade”<sup>21</sup>. A obra *Casa Grande e Senzala*, ao focalizar as estruturas familiares, o cotidiano das relações entre os indivíduos a partir dos hábitos e costumes, etc, aponta para os elementos fundantes, para o autor, de uma identidade nacional e de uma relação de domínio.

A democracia no Brasil, para ele, era possível devido à democracia racial e a uma forma de domínio que se cristalizou na nossa tradição pautada no senso de autoridade e de dever e não no autoritarismo<sup>22</sup>.

O autor de *Casa Grande e Senzala* afirmava, no prefácio à 1ª edição desta obra, que a miscigenação corrigia os efeitos aristocratizantes que a monocultura latifundiária e escravocrata tendia a provocar. No entanto, esse processo não se dava de forma tranqüila, ou seja, havia uma tensão latente entre essa aristocratização e os efeitos sociais da miscigenação.

“Até que o que havia de mais renitente aristocrático na organização patriarcal de família, de economia e de cultura foi atingido pelo que sempre houve de contagiosamente democrático ou democratizante e até anarquizante, no amalgamento de raças e culturas”<sup>23</sup>.

A democracia racial expressava a miscigenação como um dado positivo, como resultado de um padrão cultural que permite uma dada plasticidade. A raiz desse caráter miscigenário estava em Portugal, ou seja, no padrão cultural português. A miscigenação



torna-se o núcleo de nossa identidade nacional e assume um importante papel na democratização social brasileira.

Ressalte-se que, neste caso, a miscigenação não é mais pensada apenas no plano da formação de uma identidade nacional, mas sim como uma forma de organização social. Isto ficou claro nos livros *Nordeste e Interpretação do Brasil*.

### **A democracia e a relação de domínio**

Conforme foi demonstrado, a questão da democracia segundo Gilberto Freyre só pode ser entendida tendo em vista a relação de domínio. Em *Casa Grande e Senzala*, ele vai trabalhar o gosto pelo mando como uma característica do brasileiro nascido ou criado em casa-grande de engenho. E este gosto pelo mando, afirma Freyre, aparece de diversas formas: refinado num senso de autoridade e dever ou como um rude autoritarismo. Na tradição brasileira estaria arraigada a primeira forma, a qual seria responsável pelo processo de democratização da vida social e política.

Gilberto Freyre faz, a todo momento, uma distinção entre autoridade/dever e autoritarismo. Isto é um dado chave em todas as suas discussões sobre a questão do domínio e define uma certa compreensão de democracia.

Fica evidente que Gilberto Freyre polemizava com alguns pensadores daquele momento, (Oliveira Vianna e Azevedo Amaral), quando afirmava que a forma de mando do senhor de engenho se fazia sentir através de nossa formação social e política na forma de um enorme senso de autoridade e de dever. No entanto, alguns pensadores daquele momento, diz ele, conservavam o gosto pelo mando sob a forma de um rude autoritarismo, o que fugia da nossa tradição.

“Entre essas duas místicas – a da ordem e a da liberdade, a da autoridade e a da democracia – é que se vem equilibrando entre nós a vida política, precocemente saída do regime de senhores e escravos. Na verdade, o equilíbrio continua a ser entre as realidades tradicionais e profundas: sadistas e masoquistas, senhores e escla-

**A democracia em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda**  
Maria José de Rezende



**A democracia em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda**

Maria José de Rezende

---

<sup>24</sup> FREYRE, G. *Sobrados e mucambos*. op. cit., p. 52.

<sup>25</sup> “Gilberto Freyre elabora em *Casa grande e senzala* uma representação positiva da cultura brasileira. No processo de constituição dessa representação, destaca a ação favorável do sistema patriarcal de dominação, ao qual atribui a habilidade de equilibrar antagonismos”.

VILLASBÔAS, G. O tempo da casa grande. In: *Dados*, Rio de Janeiro, v. 31, n.3, p. 346, 1988.

<sup>26</sup> Ibid, p.53.

<sup>27</sup> FREYRE, G. *Ordem e progresso*. T.2. Rio de Janeiro, J.Olympio, 1962. p. 704.

vos, doutores e analfabetos, indivíduos de cultura predominantemente europeia e outros de cultura principalmente africana e ameríndia”<sup>24</sup>

Gilberto Freyre levantava estas questões para demonstrar que, mesmo nessas condições, havia uma fusão harmoniosa de tradições diversas no Brasil, principalmente no campo da cultura, como também “em vários sentidos sociais” onde imperava um regime dos mais democráticos, flexíveis e plásticos.

A noção de democratização da vida social aparece nas obras de Gilberto Freyre como resultado de “um processo de equilíbrio<sup>25</sup> de antagonismos”<sup>26</sup>, conforme foi demonstrado no livro *Sobrados e Mucambos*, no capítulo intitulado “Ascensão do Bacharel e do Mulato”. Em termos gerais, o antagonismo de base, cujo equilíbrio embasou a democratização da vida social, foi o do senhor e do escravo.

A questão do domínio é compreendida à medida que se consegue extrair da obra de Freyre os elementos constituintes do patriarcalismo que tem em suas bases a família como o núcleo central. A pergunta que se coloca é a seguinte: qual o significado da democracia numa forma de domínio centrada em relações domésticas ou privadas? A forma de domínio patriarcal se define numa relação de não publicização das relações sociais, segundo se observa em sua obra. Todos os sustentáculos do mando são privados e se definem no âmbito da família.

Para Gilberto Freyre, a democracia não está ligada à publicização das relações sociais, pois somente nestes termos, ele pode concebê-la nas condições de domínio patriarcal. Ressalte-se que em suas obras detecta-se uma compreensão muito singular de democracia baseada na “exaltação da condição humana “sobre todos os outros elementos, tais como: raça, classe, cor, etc,<sup>27</sup> que estariam presentes no processo de nossa formação de forma visível ou invisível.

A família e suas relações privadas e domésticas ganhou prioridade nas discussões de Gilberto Freyre sobre o patriarcalismo. A família é tomada “como unidade social básica e, a partir desta





consideração, (ele) pretende demonstrar a permanência do sistema social”<sup>28</sup>.

A preocupação de Freyre desde “os tempos de Casa Grande”, utilizando a expressão de Gláucia Villas-Bôas, é mostrar a formação patriarcal do Brasil em termos de experiência de cultura e de organização da família.

As casas-grandes, diz Freyre, foram centros de coesão patriarcal, ou ainda, pontos de apoio da organização nacional. O patriarcalismo permeava todas as relações, e estas estavam marcadas pelo caráter conciliador da família patriarcal. “O elemento que garante a permanência do sistema patriarcal é sua plasticidade, seu ecletismo, permitindo a conciliação de interesses”<sup>29</sup>.

Este ecletismo tanto possibilitou a amenização das diferenças e dos contrastes como tornou-se o elemento básico de um processo de transição sem rupturas. Para Freyre, o patriarcalismo foi se urbanizando dentro da própria família, conforme ficou demonstrado em *Sobrados e Mucambos* e *Ordem e Progresso*.

A democracia social, enraizada na formação social brasileira, estaria evidente para Gilberto Freyre, à medida que os elementos ecléticos do patriarcalismo harmonizavam os contrastes e estabeleciam as condições de “uma sociedade democrática na sua estrutura”<sup>30</sup>.

Estes elementos indicavam, segundo Freyre, que o senhor de engenho não deveria ser tomado como expressão do conservadorismo, pois mesmo no Império ele se defrontou com o imperador, e sua luta era no sentido de liberdade, independência e *democracia*<sup>31</sup>.

A decadência do patriarcalismo pode ser definida como o processo de perda do poder privado (familiar) enquanto fator político básico. “A possibilidade da transição, segundo Gilberto Freyre, reside no fato de aparecerem, como forças sociais, indivíduos híbridos, isto é, por sua situação social, racial e cultural, nem senhores nem escravos. E exatamente na esfera cultural que se encontra a explicação para as transformações políticas”<sup>32</sup>.

Nestas condições, o mulato ganha em Gilberto Freyre um papel básico no processo de democratização do Brasil. O mulato se

#### A democracia em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda

Maria José de Rezende

---

<sup>28</sup> BASTOS, op. cit. p. 125.

<sup>29</sup> FREYRE, G. *Sobrados e mucambos*. T.1. Rio de Janeiro, J.Olympio, 1961. p.52.

<sup>30</sup> *Ib.*, *Ordem e Progresso*. T.1. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1962. p.298.

<sup>31</sup> *Ibid*, p. 53.

<sup>32</sup> BASTOS, op. cit. p. 165.



**A democracia em Gilberto Freyre e Sérgio  
Buarque de Holanda**  
Maria José de Rezende

constituiu como uma força social e, portanto, um agente de intermediação e consolidação da democracia social e política.

### *Democracia e padrões de organização e de cultura*

A estratégia de análise de Gilberto Freyre no texto *Nordeste*, ao procurar “extrair da totalidade de inter-relações e processos naturais e de cultura que se encontrem simbioticamente confundidos e harmonizados, ou em conflito, na vida e na paisagem de determinada região”<sup>33</sup>, aponta para uma forma de abordagem que privilegia a forma de organização da sociedade e seu padrão de domínio.

A miscigenação, o patriarcalismo<sup>34</sup>, etc, são vistos dentro de um certo padrão de organização. A mestiçagem rompe com um padrão de organização aristocrático, o que só é possível dado a um tipo de cultura permissiva. Isto demonstra que Gilberto Freyre trabalha o padrão cultural e o padrão de organização ao mesmo tempo, mas sem confundi-los.

A miscigenação é pensada a partir de padrões distintos de organização: o aristocrático e o democrático. A organização social aristocrática permite uma certa relação de miscigenação, mas não uma miscigenação generalizada. No plano da cultura há maior permissividade. No entanto, a cultura não penetra em toda organização social.

No livro *Nordeste* há evidências de que para Gilberto Freyre, dado o padrão cultural permissivo, há uma simultaneidade entre o padrão democrático e o padrão aristocrático, ou seja, eles não são excludentes. Desta forma, é possível compreender em *Interpretação do Brasil* sua definição de aristocracia democrática: aquela que não impedia que qualquer homem independente de raça ou cor se associasse a ela. Era a combinação de métodos politicamente aristocráticos com maneiras e costumes democráticos.

A questão básica indicada em alguns de seus textos, como por exemplo em *Sobrados e Mucambos*, que contém um estudo

---

<sup>33</sup> FREYRE, G. *Nordeste*. Rio de Janeiro, J.Olympio, 1967. p. 20.

<sup>34</sup> Uma excelente análise sobre o patriarcalismo em Gilberto Freyre foi feita em: BASTOS, op. cit. p.124-173.



sobre o mulato e sua ascensão na sociedade patriarcal, é que a saída de uma ordem aristocrática para uma ordem democrática não implicava em destruição da primeira em favor da segunda, e sim em um processo de conciliação entre as duas.<sup>35</sup>

Os elementos que possibilitaram a formação de uma democracia étnica e social no Brasil são, ao mesmo tempo, contraditórios e complementares<sup>36</sup>. Esta afirmação está centrada na discussão de Gilberto Freyre sobre organização social e cultura.

Na análise dos grupos sociais que tiveram influência e favoreceram a amalgamação das raças e a democratização social e étnica no Brasil, Gilberto Freyre afirma que os bandeirantes (os fundadores horizontais) e o sistema aristocrático de plantação (os fundadores verticais do Brasil) foram os responsáveis, de forma contraditória e complementar, pela democracia social e étnica.

A sociedade brasileira é apontada por Freyre como portadora, no plano étnico e de domínio, de um fundamento democratizante cristalizado, por exemplo, a partir da criação de novas formas de vida e novas combinações de cultura, pelos bandeirantes, e o desenvolvimento de valores culturais e humanos pelo sistema de plantação. Desta forma, a democracia social no Brasil foi possível pela existência do sistema de plantação, do sistema monárquico e das instituições básicas estabelecidas pelas Bandeiras.

Ressalte-se que Gilberto Freyre considerava, em conferências feitas nos Estados Unidos, em 1944, que a existência da mobilidade social, aliada ao talento, por exemplo, era indicadora da “democracia social e étnica tão característica do Brasil”<sup>37</sup>.

A igualdade política que houve no Brasil em diversas épocas, (com exceção do período do Estado Novo que se definia pela existência de uma tendência anti-democrática), era, também, fator básico de confirmação da existência de democracia social, assinala Freyre.

Nossa formação, para ele, estaria centrada na combinação de tendências democráticas e aristocráticas, sendo que esta última não significava despotismo, autocracia ou ditadura. A confluência dessas tendências possibilitavam uma neutralização entre as principais

#### A democracia em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda

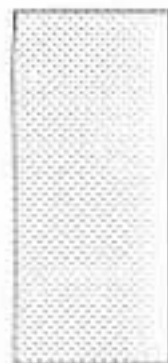
Maria José de Rezende

---

<sup>35</sup> Sobre este processo de conciliação ver, FREYRE, G. *Ordem e progresso*. V.1, cap. 1 e 2. Rio de Janeiro, J.Olympio, 1959.

<sup>36</sup> *Ib.*, *Interpretação do Brasil*. Rio de Janeiro, J.Olympio, 1947. Cap. II.

<sup>37</sup> *Ibid.*, p. 106 et seq.



**A democracia em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda**

Maria José de Rezende

---

<sup>38</sup> FREYRE, G. *Interpretação do Brasil*, Rio de Janeiro, J.Olympio, 1947, p. 120 et. seq.

<sup>39</sup> *Ib.*, *Ordem e progresso*. Rio de Janeiro, J.Olympio, 1959, p. 80.

forças sociais. A força política dos senhores do engenho e a força política da monarquia eram forças que se neutralizavam. O resultado desse processo era um regime monárquico e aristocrático favoráveis a um estado de vida pré-democrático<sup>38</sup>.

A análise da organização política brasileira, de Gilberto Freyre, demonstra que a questão da democracia vem enlaçada a várias outras preocupações: a diversidade regional, a combinação da diversidade com a unidade, a crítica à mística da unidade que leva a uma excessiva centralização política, etc, são alguns dos elementos que dão suporte à sua concepção de democracia baseada na combinação de uma conduta harmônica com elementos universais da personalidade humana.

Na conferência “Condições étnicas e sociais do Brasil moderno”, realizada nos Estados Unidos em 1944 e publicada em *Interpretação do Brasil*, em 1947, Gilberto Freyre afirmava que tínhamos ainda um tipo imperfeito de democracia social, tanto nos seus aspectos econômicos quanto nas suas formas políticas de expressão. No entanto, as relações étnicas eram absolutamente democráticas.

No livro *Ordem e Progresso*, que teve sua 1<sup>a</sup> edição em 1959, cuja temática básica é a análise da transição do trabalho escravo para o trabalho livre e da monarquia para a república, Freyre procura demonstrar que faz parte de nossa tradição a convivência de métodos aristocráticos com costumes democráticos. A proclamação da república se respaldou nessa tradição e conciliou novos e antigos métodos políticos.

“Vinha assim a República deixando-se influenciar no seu modo de ser futuro por aquela maneira de ser o Brasil, além de passado, presente. Um presente sempre entre nós: a presença da monarquia na república através de conselheiros, barões, viscondes que, em responsabilidades republicanas de governo, reataram tradições de ordem ou unidade nacional vindas do império, conciliando-as (...) com os arrojos da república no sentido de progresso material”<sup>39</sup>.

Os chefes republicanos eram mestiços que não baniram os métodos aristocráticos do cenário político. Houve substituição de



líderes políticos, e estes, que eram, na sua maioria mestiços, assumiram as mais altas posições, mas procuraram conciliar o presente e o passado. E isto se devia, também, ao fato de que o exército, desde os seus primórdios, se constituiu numa organização social e etnicamente democrática, afirma Freyre.

Para o autor, mesmo que a república não tenha valorizado o homem no sentido de solução dos problemas sociais, não houve comprometimento da democracia social; uma vez que a constituição da sociedade teria na sua base ou na sua própria natureza, aspectos democráticos tanto raciais quanto sociais.

### **Democracia: conciliação e equilíbrio**

Este tópico objetiva analisar as condições sócio-culturais e políticas que definiram, para Gilberto Freyre, alguns agentes como portadores de democracia. Destaque-se que o autor em questão pensa a sociedade brasileira como democrática na sua estrutura. No entanto, ao tomar a democracia em termos de acomodação social e de equilíbrio, torna-se necessário compreender o papel dos agentes de democracia.

No livro *Sobrados e Mucambos*, ao fazer uma análise do patriarcado rural e do desenvolvimento urbano, o autor dedica um capítulo especial à problemática das duas forças novas e triunfantes que se colocaram no processo de transição econômica, social, política e cultural: o mulato e o bacharel.

Observe-se que, em *Ordem e Progresso*, Gilberto Freyre demonstrava que no período de transição da monarquia para a república ficava evidenciado o papel destes agentes na democratização social de uma sociedade que guardava, na sua estrutura e formação, os elementos que favoreciam este processo.

Nos dois livros supracitados, a noção de equilíbrio aparece como fundamento da democracia. A sociedade rural e patriarcal integrava-se pelo equilíbrio. No processo de transição, da monarquia para república e do trabalho escravo para o trabalho livre, o mulato

**A democracia em Gilberto Freyre e Sérgio  
Buarque de Holanda**  
Maria José de Rezende



**A democracia em Gilberto Freyre e Sérgio  
Buarque de Holanda**  
Maria José de Rezende

e o bacharel (estes dois agentes podiam estar reunidos em um só) eram elementos de diferenciação que possibilitavam a integração e o equilíbrio.

À medida que eram portadores de uma nova força social, estes dois agentes teriam sido os responsáveis pela acomodação entre os dois grandes antagonismos: o senhor e o escravo.

Com os “sobrados” surgiu uma nova nobreza: a dos doutores e bacharéis. E os rapazes da burguesia (filhos de mascates, por exemplo), valorizados pela educação européia, igualavam-se aos descendentes dos senhores de engenho. A ascensão dos bacharéis brancos se fez rapidamente no meio político e social, tanto que, assinala Freyre, o período de Pedro II foi o reinado dos bacharéis.

No século XIX, dada a formação social e política brasileira, presenciava-se a ascensão do mulato aos cargos públicos e à aristocracia de toga. O bacharel, geralmente vindo da Europa, tomou o meio nativo como objeto de planos de reforma política e de reconstrução social<sup>40</sup>. A defesa da democracia social ganhava centralidade nos debates sobre a reconstrução social e política e chocava com todos os preceitos de branquidade.

Nos planos de reforma política e reconstrução social, os bacharéis defendiam o ajustamento das relações entre senhores e oprimidos. A ascensão política dos bacharéis dentro das famílias enfraquecia o patriarca, ao mesmo tempo em que equilibrava e acomodava as diversas forças sociais. A ascensão dos bacharéis mulatos e plebeus também teria representado, para Gilberto Freyre, acomodação entre o regime monárquico e o republicano.

Com o declínio do patriarcado rural assistia-se, segundo ele, à transferência de poder não apenas para o bacharel burguês, mas também para o bacharel militar, quase sempre mestiço. O bacharel mulato, de modo geral, com uma consciência de seu sangue negro, possuía grande sensibilidade aos reflexos sociais de sua origem. Havia uma espécie de desajuste da ordem social, à medida que o mulato tinha consciência da distância social entre ele e a normalidade social do seu meio. A revolta social na forma de arte, literatura, etc. agiu como elemento de democratização social.

---

<sup>40</sup> FREYRE, G. *Sobrados e mucambos*. T.2. Rio de Janeiro, J.Olympio, 1961. p. 578.



O fato de se considerar o bacharel e o mulato como agentes de democratização social reforça a idéia de conciliação, em Gilberto Freyre. Isto foi amplamente destacado no livro *Ordem e Progresso* ao discutir a conciliação entre o progresso cultural e a ordem social na época do Império. É tomado como base de um processo de democratização da vida social o processo de “infiltrações de caráter amplamente cultural” que ocorreram no Brasil “sem dependerem nem de um regime político nem de um sistema de trabalho que diretamente as favorecessem”<sup>41</sup>.

Essas infiltrações culturais determinavam que nenhum homem, por condições étnicas e sociais, fosse excluído da possibilidade de assimilar a cultura tecnológica de outros países trazida para o Brasil, que era uma sociedade estruturalmente democrática.

“O fato é que a República de 89, desde os seus primeiros dias esforçou-se por sociologicamente continuar o regime monárquico de ordem, dando-lhe quanto possível – é certo – nova substância; mas conservando-lhe a forma – isto é, a forma social; a configuração até certo ponto paternalista; o processo social de ser governo autoritário dentro de uma sociedade democrática na estrutura”<sup>42</sup>.

Gilberto Freyre denominava apologistas da república aqueles que afirmavam ter o novo regime como objetivo a democratização das oportunidades, independentes de sua origem ou raça. Uma vez que o Império tinha tido um caráter indiscutivelmente democrático no sentido de possibilitar que plebeus e mestiços tivessem acesso a academias e cargos políticos.

As questões levantadas nos últimos parágrafos evidenciam que, para ele, a democracia étnica e social que se desenvolveu no Brasil foi produto de vários fatores que abrangem a forma de domínio, os aspectos sociais e culturais presentes na nossa formação social e um conjunto de forças sociais que equilibravam as diferenças e os antagonismos.

No tomo I de *Ordem e Progresso*, Gilberto Freyre insiste que o ensino militar, no plano superior, e o ensino técnico, no plano inferior, desde o Império, contribuíram para a democratização social e étnica do Brasil. Homens talentosos, independentemente da origem,

**A democracia em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda**  
Maria José de Rezende

---

<sup>41</sup> FREYRE, G. *Ordem e progresso*. T.1, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1962, p. 157.

<sup>42</sup> *Ibid.*, p. 298.



**A democracia em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda**  
Maria José de Rezende

classe ou cor, adquiriram instrução necessária à ascensão ao poder político e ao prestígio social.

“Já se sugeriu (...) ter havido no Brasil, em consequência da República de 89, progresso de democratização étnica, através das oportunidades não que o 15 de novembro criou – pois elas já eram flagrante realidade – mas, de certo modo, estendeu, de ascensão social, em geral, e especificamente política, em particular, a homens de cor, a mestiços de africanos, aos próprios negros retintamente pretos, valorizados uns pela instrução, outros pela sua situação econômica, ainda outros por serviços militares prestados ao novo regime”<sup>43</sup>.

Num capítulo sobre a república de 89 e a ordem econômica em *Ordem e Progresso*, Freyre afirmava que o Estado de São Paulo possuía uma excelente aristocracia de brasileiros portadores de valores antigos que foram aperfeiçoados como uma pujante democracia em potencial, pronta a harmonizar-se com a industrialização. Esta democracia étnica-social e até sócio-econômica era o ideal de democracia que ia além da democracia política.

Para se chegar a esta democracia contribuíram fatores anteriores à abolição. O cultivo das fazendas, por exemplo, que propiciou o desenvolvimento de uma economia mais democrática que a monocultura; o que não significava, diz Freyre, que a ordem industrial que se estabeleceu no Brasil tenha sabido aproveitar todas as virtudes deixadas pela ordem aristocrata e democrata do regime monárquico.

A combinação dessas virtudes era, para Gilberto Freyre, a chave do processo de aperfeiçoamento material e técnico, combinado com o progresso social e cultural. O desenvolvimento técnico, humano, das cidades, docas, indústrias, estradas de ferro, etc.<sup>44</sup>, levaria à potencialização da personalidade humana.

### **A busca de uma definição de democracia em Gilberto Freyre**

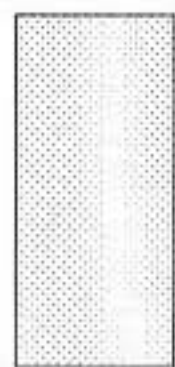
Gilberto Freyre destacava que a existência de aspectos democráticos não significava que havia aqui uma democracia perfeita

---

<sup>43</sup> FREYRE, G. *Ordem e progresso*. T.2, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1962, p.345.

<sup>44</sup> *Ibid*, p. 615.





ou acabada. Para ele, o Brasil, possuía elementos favoráveis a uma democracia com imperfeições mínimas, o que devia ser levado em consideração. Ele não acreditava que houvesse democracia perfeita, pelo menos é o que se pode subentender de suas referências aos Estados Unidos, país com um alto grau de democratização mas com um alto nível de intolerância racial que ele considera imperfeições da democracia. A existência de democracia social e racial não depende, para Freyre, da democracia econômica. No Brasil, existiriam as duas primeiras mas não a segunda devido ao nível de pobreza no país.

A democracia social se explicita, para Freyre, na possibilidade de ascensão social que indivíduos talentosos possuem, independentemente da raça, cor, cultura, religião, etc.. “Como já observei, sob o regime monárquico do século XIX, qualquer brasileiro, sem que importasse a sua origem, raça ou cor, podia vir a ser primeiro ministro e dirigir o país se fosse homem de talento ou personalidade excepcionais. Durante a primeira república foi coisa natural ver-se um homem como Nilo Peçanha, mulato de origem humilde, suceder, como ministro das relações exteriores, a Lauro Muller, homem louro e de olhos azuis puramente ariano”<sup>45</sup>.

Gilberto Freyre define a democracia como um ideal que vai além de comodidades materiais, portanto, inclui o desenvolvimento da personalidade humana, de valores morais e intelectuais<sup>46</sup>. Ou seja, a democracia é mostrada como meio de desenvolvimento do potencial humano por meio da educação, por exemplo, mas somente para aqueles que têm acesso a ela, deixando evidente a natureza desta concepção.

**A democracia em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda**  
Maria José de Rezende

---

<sup>45</sup> FREYRE, G. *Interpretação do Brasil*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1947. p. 274/275.

<sup>46</sup> *Ibid*, p. 271.



**A democracia em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda**  
Maria José de Rezende

## **A DEMOCRACIA EM SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA**

### **Aspectos gerais e introdutórios**

Os textos de Sérgio Buarque de Holanda que servirão de base para este trabalho foram selecionados dentre diversos livros, ensaios, etc., escritos em momentos diferentes. Houve uma certa dificuldade para privilegiar uns e não outros, tendo em vista que a questão da democracia aparece implicitamente ou explicitamente em várias obras, cuja preocupação com a problemática política está subjacente.

*Raízes do Brasil* e os trabalhos publicados na coletânea organizada por Sérgio Buarque de Holanda *História Geral da Civilização Brasileira* (T.2, V.1; T.2, V.2; T.2, V.5) serão abundantemente utilizados, à medida que podem ser considerados os que mais evidenciam uma marcante preocupação com a democracia. Serão utilizadas também diversas outras obras que venham elucidar a temática aqui analisada.

Há, todavia, grandes contribuições de Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*, que, segundo Antônio Cândido, foram pouco exploradas: as de cunho político dos capítulos finais. “Fascinados pela brilhante análise tipológica dos capítulos precedentes, os leitores nem sempre perceberam direito uma singularidade do livro: era o único ‘retrato do Brasil’ que terminava de maneira premeditada por uma posição política radical em face do presente. De fato, o livro é ao mesmo tempo uma análise do passado (que pegou mais) e uma proposta revolucionária de transformação do presente (que pegou menos).”<sup>47</sup>

As concepções político-autoritárias reinantes na década de 30 foram duramente criticadas por Sérgio Buarque de Holanda. Desde os primeiros capítulos de *Raízes do Brasil* havia uma denúncia da possibilidade de persistência do autoritarismo numa sociedade que se modernizava lentamente no plano econômico e social. A modernização política<sup>48</sup>, no entanto, parecia absolutamente difícil numa sociedade que tinha se firmado sobre as bases da exclusão.

---

<sup>47</sup> MELLO E SOUZA, A. C. Introdução. In: BARBOSA, F. de Assis. *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Rio de Janeiro, Rocco, 1989. p. 125.

<sup>48</sup> Sobre esta questão ver: AVELINO FILHO, op. cit. p.33-41.



A democracia aparece como algo absolutamente difícil de se conquistar, segundo Sérgio Buarque de Holanda, caso não fosse possível quebrar a iniquidade oligárquica. O autor de *Raízes do Brasil* afirmava que “a idéia básica (naquele texto) era a de que nunca teria havido democracia no Brasil, e de que necessitávamos de uma revolução vertical, que realmente implicasse a participação das camadas populares. Nunca uma revolução de superfície, como foram todas na História do Brasil, mas uma que mexesse mesmo com toda a estrutura social e política vigente.”<sup>49</sup>

Ressalte-se que a compreensão da problemática da democracia no autor em questão exige que se compreenda os seguintes pontos nas suas obras: a relação Estado e Sociedade e o sentido dos conceitos, representações e expressões políticas, tendo em vista um objeto concreto<sup>50</sup>.

Estas duas questões gerais se desdobram em várias outras, ou seja, ao discutir a relação Estado e Sociedade, Sérgio Buarque de Holanda faz uma profunda reflexão sobre a relação público e privado, vontade geral e vontade pessoal, elite e povo, vida política e vida social, inter-relações entre formas sociais e devir, instituições, etc.<sup>51</sup>

O sentido dos conceitos e das idéias que devem ser pensados “in concreto”<sup>52</sup> é também elemento fundamental na sua discussão sobre democracia. Há necessidade de se livrar de abstrações vazias, das paixões desconexas pelas idéias importadas e da transposição de conceitos que não apanham, mas mascaram, a singularidade brasileira.

Os elementos do penúltimo e do último parágrafo não estão em planos distintos ou separados na obra de Sérgio Buarque de Holanda. Seu método reúne ambos no processo de elaboração de uma história social e das mentalidades ao mesmo tempo. “Atento às especificidades de cada conjuntura histórica, sabia explorar as contradições entre as normas e o real, as instituições e os costumes, as aparências e os fatos, o formal e o informal”<sup>53</sup>.

**A democracia em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda**  
Maria José de Rezende

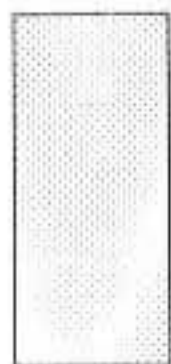
<sup>49</sup> BUARQUE DE HOLANDA, S. A democracia é difícil. In: *Veja*, São Paulo, nº 386, 28 Jan. 1976. p. 3 (Entrevista).

<sup>50</sup> *Ib.*, O estado totalitário. In: BARBOSA, op. cit. p. 298-301.

<sup>51</sup> Estas questões estão trabalhadas em diversas obras do autor:  
HOLANDA, S. B. de. *Caminhos e fronteiras*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1957.  
*Ib.*, *Monções*. 2 ed., São Paulo, Alfa-ômega, 1976.  
*Ib.*, *Raízes do Brasil*. 5 ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1969.  
*Ib.*, (org). *História geral da civilização brasileira*. São Paulo, Difel, 1960, 1964, 1972. t.1, v.2, t.2, v.2, t.2, v.5.

<sup>52</sup> BARBOSA, op. cit. p.298-301.

<sup>53</sup> DIAS, M. O. L. da Silva. (org). Sérgio Buarque de Holanda, historiador. In: *Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo, Ática, 1985. p. 15 (Col.Gdes.Cientistas Sociais. nº51).



**A democracia em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda**  
Maria José de Rezende

## **As raízes das dificuldades da democratização no Brasil**

A mentalidade senhorial brasileira, para Sérgio Buarque de Holanda, impregnou os valores, os costumes, as atitudes, as instituições sociais e políticas, etc. e dificultou muito a criação de bases para a democratização do país. Ele demonstrou isto nas discussões sobre a nossa formação histórica e social e, fundamentalmente, nos seus trabalhos em que a preocupação política ganha relevo.

Esta dificuldade ressaltada pelo autor de *Raízes do Brasil* não significava desconsideração à necessária democratização da vida social. Ao contrário, esta obra marca sua posição contrária aos autoritarismos que permeavam a sociedade brasileira, tanto os oriundos do nosso passado quanto os que se fortaleciam nos anos 30; ou seja, Sérgio Buarque de Holanda tinha uma posição radicalmente democrática.

A relação entre o público e o privado e suas emanções tem prioridade nas discussões de Sérgio Buarque de Holanda sobre a singularidade da vida social e política no Brasil, segundo o qual, é uma busca constante das raízes e das heranças que a rigor estruturaram nossa sociedade. Em “Herança Rural”, (cap. III de *Raízes do Brasil*), ficaram destacadas as mudanças de superfície que ocorreram no século XIX, isto porque “enquanto perdurassem intatos e, apesar de tudo, poderosos, os padrões econômicos e sociais herdados da era colonial e expressos principalmente na grande lavoura servida pelo braço escravo, as transformações mais ousadas teriam de ser superficiais e artificiosas”<sup>54</sup>.

No Império, dentre essas mudanças superficiais, assistia-se a uma tentativa de “vestir um país ainda preso à economia escravocrata, com os trajes modernos de uma grande democracia burguesa”<sup>55</sup>. A possibilidade de uma democracia nestes termos estava na forma de concebê-la, ou seja, como uma democracia de exclusão que se expressava no desprezo pelas classes populares. Sérgio Buarque de Holanda cita Frei Caneca que afirmava: “É impossível viver com esta gentilha composta de mulatos e mestiços”<sup>56</sup>.

<sup>54</sup> HOLANDA, S. B. de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro, J.Olympio, 1987. p. 46.

<sup>55</sup> Ibid.

<sup>56</sup> Ib. A democracia é difícil. *Veja*, São Paulo, n. 386, p. 4, 28 jan.1976.



Na singular autarquia dos domínios rurais brasileiros, ou seja, no nosso patriciado rural, é que se encontram as raízes das peculiaridades do nosso sistema político, fundamentadas na exclusão que sempre contaminou todas as mudanças e transições.

A análise aprofundada da realidade brasileira demonstrava, segundo ele, que em todos os momentos de nossa história prevaleciam as relações políticas de caráter privado. A partir de 1889, a casa de cada família de fazendeiros era uma verdadeira república privada. Na sociedade colonial, a esfera da vida doméstica definia princípios de autoridade tão fortes que conseguiam barrar as forças que a atacavam, deixando evidente que o princípio de autoridade cercava-se por todos os lados de uma teia de relações pautadas no personalismo.

Desta forma, assiste-se a uma enorme impossibilidade de publicização das relações políticas e sociais, o que é, sem dúvida, o alimento que embasou a estruturação de uma sociedade que vai elevar o autoritarismo às alturas.

Sérgio Buarque de Holanda afirmou que as nossas raízes políticas eram totalmente desabonadoras no sentido da democratização: o grupo familiar não conhecia restrição, o pátrio poder era ilimitado, a entidade privada sempre prevalecia e, por sua vez, impossibilitava a publicização das relações sociais, o que deveria ser o suporte fundamental da democracia.

Ressalte-se que esta invasão do público pelo privado, do Estado pela família, etc, foi internalizada pelos diversos segmentos sociais, encontrando-se aí a dificuldade de rompimento de um princípio de autoridade que se assenta em relações privadas. “Estereotipada por longos anos de vida rural, a mentalidade de casa-grande invadiu assim as cidades e conquistou todas as profissões, sem exclusão das mais humildes”<sup>57</sup>.

O capítulo 5 de *Raízes do Brasil*, intitulado “O homem cordial”, é, talvez, o momento mais evidente da supremacia de uma mentalidade rural que contaminou todos os aspectos da vida social. George Avelino Filho<sup>58</sup>, afirma que esta relação de cordialidade se define tendo em vista a inexistência de espaços impessoais que são fundamentais para a organização da esfera pública. Há um

**A democracia em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda**  
Maria José de Rezende

---

<sup>57</sup> HOLANDA, S. B. de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro, J.Olympio, 1987., p. 55-6.

<sup>58</sup> AVELINO FILHO, op. cit. p. 37.



**A democracia em Gilberto Freyre e Sérgio  
Buarque de Holanda**  
Maria José de Rezende

desvirtuamento da comunidade política para a comunidade doméstica.

### *Cordialidade x democracia*

Sérgio Buarque de Holanda ressalta que a sociabilidade construída sobre valores e costumes oriundos do meio rural e patriarcal, que penetrou em todos os corações e mentes, dificultou a criação, no Brasil, de uma esfera pública de fato. A cordialidade é considerada a negação da democracia e, no capítulo VII, “Nossa Revolução”, aparece como um enorme obstáculo que, no entanto, pode ser vencido ou superado.

O Brasil não estaria condenado à não-democracia, mas os obstáculos seriam imensos. Vencê-los significava subverter uma estrutura social sedimentada numa relação política cordial e autoritária. O grande desafio era pôr fim ao processo de exclusão que estaria arraigado na nossa formação social. Sérgio Buarque de Holanda trabalhou estas questões em *História Geral da Civilização Brasileira: o Brasil Monárquico, do Império à República*, t.2.v.5.

A modernização econômica poderia, se bem que de forma muito lenta, ser alcançada, mas a modernização das relações políticas era absolutamente complexa. Para ele, onde predominou a família patriarcal as bases para a democracia oscilam de precárias a inexistentes.

O predomínio de relações familiares na sociedade brasileira é a base da última afirmação do parágrafo anterior. A formação em ambientes patriarcais leva à dificuldade de entender a distinção entre o domínio público e o domínio privado. As relações que engendram o homem cordial situam-se na esfera do íntimo, do familiar, do privado.

“No ‘homem cordial’, a vida em sociedade é, de certo modo, uma verdadeira libertação do pavor que ele sente em viver consigo mesmo, em apoiar-se sobre si próprio em todas as circunstâncias da existência. Sua maneira de expansão para com os outros reduz o



indivíduo, cada vez mais, à parcela social, periférica, que no brasileiro (...) tende a ser a que mais importa”<sup>59</sup>.

A cordialidade como um traço ativo e fecundo do caráter brasileiro define padrões de convívio humano que se constituem em imensos obstáculos para a construção de um outro padrão de convívio: o democrático. É como se o indivíduo se defendesse da publicização das relações sociais; o que torna precária a possibilidade de luta por ideais abstratos e subjetivos.

As normas particularistas que se estabeleceram na sociedade brasileira funcionam como entraves para o desenvolvimento de instituições políticas, fundadas em princípios neutros e abstratos, condizentes com uma sociedade que se democratiza.

### A democracia como um mal-entendido

A ausência de bases sociais torna a democracia um grande mal-entendido; o que mostra que, para Sérgio Buarque de Holanda, a democracia não era em si mesma um mal-entendido mas, nas condições vigentes no Brasil, ela assumia essa forma.

Ressalte-se que ele está criticando a maneira como diversos pensadores brasileiros utilizavam o conceito de democracia, importando-o e empregando-o de forma desconectada com a nossa realidade. A democracia como um mal-entendido é a expressão da confluência de falta de bases econômicas, políticas, culturais e sociais, tanto para a sua existência quanto pela “facilidade com que se alimentam (alguns intelectuais) de doutrinas dos mais variados matizes e com que sustentam, simultaneamente, as convicções mais díspares”<sup>60</sup>.

Assim, a idéia de democracia, no Brasil, se constituiu como um mal-entendido, segundo Sérgio Buarque de Holanda. Pode-se dizer que a democracia aparece em “Novos Tempos” (capítulo VI de *Raizes do Brasil* como uma forma de cultura, ou seja, é a internalização de valores condizentes com um modo de vida diferente do apego a um ethos personalista configurado pelo recinto doméstico. Esse

**A democracia em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda**

Maria José de Rezende

---

<sup>59</sup> HOLANDA, S. B. de. *Raizes do Brasil*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1987, p. 108.

<sup>60</sup> *Ibid.*, p. 113.



**A democracia em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda**

Maria José de Rezende

---

<sup>61</sup> HOLANDA, S. B. de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1987, p. 115 et seq.

<sup>62</sup> Ibid, p. 119.

<sup>63</sup> Ib, A democracia é difícil. *Veja*, São Paulo, n. 386, p.4, 28 jan. 1976.

<sup>64</sup> Ibid.

personalismo individual não se submete facilmente a um sistema democrático.

O vício do bacharelismo, é, entre nós, expressão de uma mentalidade personalista, é a luta pela defesa ardorosa do interesse pessoal<sup>61</sup>. Em quase todas as esferas da vida social, afirma, pode-se encontrar esses traços personalistas redefinidos pelo tipo específico de organização social brasileira; o que evidencia que ocorreu uma reelaboração dos padrões culturais legados de outros povos.

Em Sérgio Buarque de Holanda a questão da democracia coloca-se como ponto central de uma tensão constante entre o padrão de organização e a forma de dominação política. Ressalte-se que ele não dissocia organização social da cultura. Daí a necessidade de pensar a democracia in concreto, ou seja, tendo em vista uma dada forma de organização social, seus padrões de domínio e culturais.

“Trouxemos de terras estranhas um sistema complexo e acabado de preceitos, sem saber até que ponto se ajustam às condições da vida brasileira e sem cogitar das mudanças que tais condições lhe imporiam. Na verdade, a ideologia impessoal do liberalismo democrático jamais se naturalizou entre nós. Só assimilamos efetivamente esses princípios até onde coincidiram com a negação pura e simples de uma autoridade incômoda, confirmando nosso instintivo horror às hierarquias e permitindo tratar com familiaridade os governantes. A democracia no Brasil foi sempre um lamentável mal-entendido. Uma aristocracia rural e semifeudal importou-a e tratou de acomodá-la, onde fosse possível, aos seus direitos ou privilégios, os mesmos privilégios que tinham sido, no Velho Mundo, o alvo da luta da burguesia contra os aristocratas<sup>62</sup>”.

A confusão generalizada que se estabeleceu entre os conceitos de liberalismo e democracia foi também, segundo Sérgio Buarque de Holanda, um elemento que evidenciou que, desde a sua origem, a democracia no Brasil foi um grande mal-entendido. As elites não entendiam que “o liberalismo pode perfeitamente sobreviver sem a prática da democracia”<sup>63</sup>. O interessante é que tanto um como outro sempre apareceu “como sinônimo de concessão por parte das elites dominantes”<sup>64</sup>.





À medida que se tem no Brasil, afirma o autor, uma forma de domínio onde uma exígua camada decide e “o povo está sempre inteiramente fora” do processo político, não pode haver democracia. Os seus preceitos, e também os do liberalismo, eram utilizados ao bel-prazer de uma elite e em seu benefício<sup>65</sup>.

As conquistas liberais conseguidas no decorrer da evolução política brasileira sempre foram recebidas com surpresa pelo povo e, muitas vezes, até com hostilidade. Isto ocorreu devido a diversos fatores. O principal foi o processo de exclusão que sempre trabalhou no sentido de esvaziamento da possibilidade de democracia. E para sedimentar esta exclusão, assinala Sérgio Buarque de Holanda, contribuiu grandemente a nossa intelectualidade com uma mente nitidamente conservadora e senhorial.

Estes elementos ganharam destaque em *Raízes do Brasil* porque a preocupação básica era descortinar o “abismo entre as instituições políticas, copiadas do liberalismo europeu, a serviço de grupos oligárquicos, e as necessidades do país, fruto do longo processo de formação colonial”<sup>66</sup>.

A dificuldade de implantação da democracia no Brasil só seria vencida com o rompimento do enorme abismo que havia entre a vida social e a vida política. Este era o grande desafio dos novos tempos. Em *Caminhos e Fronteiras*, Sérgio Buarque de Holanda demonstrava que os obstáculos para a renovação das elites vinham desde a colônia e perpassavam todo o Império, ou seja, estavam cristalizados no sistema sócio-político.

A não-existência de uma burguesia modernizadora, na época do Império, contribuiu para a persistência de um modelo político oligárquico e aristocratizante, solapando qualquer possibilidade de democracia, tanto a nível dos valores culturais, quanto a nível das instituições políticas.

Em grande parte de suas obras, Sérgio Buarque de Holanda está preocupado em descortinar o sistema de dominação vigente em vários momentos da história política brasileira, dando destaque, de forma implícita ou explícita, à problemática da marginalização política do povo brasileiro.

**A democracia em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda**  
Maria José de Rezende

---

<sup>65</sup> HOLANDA, S. B. A democracia é difícil. *Veja*, São Paulo, n. 386, p. 4, 28 jan.1976.

<sup>66</sup> DIAS, op. cit., p. 11.



**Ademocracia em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda**  
Maria José de Rezende

## Elite, figurantes mudos e democracia

A existência de figurantes mudos é a negação da democracia para Sérgio Buarque de Holanda. É produto de um abismo entre as elites dirigentes e a massa. Esse processo leva à eternização de um dado sistema de domínio que impede o surgimento de novos caminhos, ou seja, novas formas sociais não-excludentes.

Em seus textos publicados em *História Geral da Civilização Brasileira*, que têm como eixo básico temporalidade e mudança<sup>67</sup>, o autor em questão analisa amplamente as instituições políticas brasileiras desde a época colonial e, também, a problemática das transições e até que ponto elas significavam, de fato, mudança<sup>68</sup>.

Sérgio Buarque de Holanda buscava as raízes da relação política/sociedade e, portanto, da marginalização do processo decisório imposta à maioria ao analisar: as disfunções do sistema político da monarquia brasileira; a tendência para burlar, no Império, o sistema parlamentar; as reformas que se estabeleciam e acabavam por retrair o eleitorado e manter a supremacia do poder pessoal; a farsa do sistema representativo e o esvaziamento dos partidos políticos<sup>69</sup>.

A leitura atenta de diversas obras de Sérgio Buarque de Holanda deixa evidente que a história política brasileira tem um traço marcante: a ausência de autêntica democracia. A análise rigorosa dos diversos eventos políticos, das formas sociais, do sistema de domínio, dos indivíduos, grupos, etc., em diversos momentos, tornou possível esta afirmação.

Na entrevista “A democracia é difícil”, de 1976, o historiador faz uma exposição das diversas formas de não-incorporação das massas ao processo político. “Por isso a democracia nasceu aqui num mal-entendido, percorreu em nossa história um caminho inusitado. Ou seja, foi murchando aos poucos”<sup>70</sup>.

A liberdade e a democracia eram defendidas como algo só para alguns, apenas para os engravatados. Sérgio Buarque de Holanda cita Nabuco de Araújo que, em 1869 “chegou a afirmar que a ‘liberdade existe para nós, homens de gravata lavada, e não para

<sup>67</sup> DIAS, op. cit. p.44.

<sup>68</sup> HOLANDA, S. B. de. “A herança colonial - sua desagregação”. In: *História geral da civilização brasileira*. T.2, v.1. São Paulo, Difel, 1964.

<sup>69</sup> *Ib.*, *História geral da civilização brasileira: O Brasil monárquico; do império à república*. t.2, v.5, São Paulo, Difel, 1972.

<sup>70</sup> *Ib.*, A democracia é difícil.. *Veja*, São Paulo, n. 386, p.4, 28 jan. 1976.



o povo'. Teófilo Ottoni, político contemporâneo de Nabuco de Araújo, dizia: 'O que eu quero é a democracia de classe média, a democracia de gravata lavada'<sup>71</sup>.

Ressalte-se que a partir da República o processo de esvaziamento da democracia prosseguiu. O censo literário foi uma forma de barrar a possibilidade do voto do analfabeto. E o argumento, diz o autor aqui analisado, era o seguinte: nem todos estavam preparados para o jogo democrático. A partir de 1930, assinala, estabeleceu-se uma outra versão da democracia de gravata lavada. A fachada democrática sempre foi uma constante na história política brasileira.

O capítulo 1 do livro *História Geral da Civilização Brasileira: o Brasil Monárquico; do Império à República* (t.2 v.5), intitulado "O poder pessoal", esclarece como, desde o Império, já estava delineada uma tendência para um liberalismo sem democracia. No capítulo 2, "A democracia improvisada", Sérgio Buarque de Holanda, mostra como ocorreu, também no Império, um processo de improvisação de uma falsa democracia de "bases subvertidas"<sup>72</sup>.

O artigo "O poder pessoal" objetiva elucidar a distância existente entre a elite e os figurantes mudos, tanto no império quanto na República. A análise das bases de sustentação política da oligarquia, nestes dois períodos, mostra que a preservação do interesse local, a manutenção de uma autoridade tutelar e a imperfeição do sistema eleitoral mantinham o processo de exclusão.

A singularidade da monarquia brasileira estava na sua tentativa de ser um regime liberal; no entanto, era destituída de qualquer *base* democrática. Por isso, "designações tais como democracia e democracia coroada, empregadas com notável insistência pelos apologistas da monarquia brasileira, são totalmente inadequadas com a significação que, nesse caso, lhes é atribuída"<sup>73</sup>.

### *Representação e democracia*

A ineficácia do sistema representativo denunciava a falta de bases reais para a democracia, tanto no Império quanto na República.

### **A democracia em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda**

Maria José de Rezende

---

<sup>71</sup> HOLANDA, S. B. A democracia é difícil.. *Veja*, São Paulo, n. 386, p.4, 28 jan. 1976.

<sup>72</sup> DIAS, Op. cit. p.60.

<sup>73</sup> HOLANDA, S. B. de O poder pessoal. In: *História geral da civilização brasileira*, t.2, v.5. op. cit. p.78.



**A democracia em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda**  
Maria José de Rezende

Nos rituais da vida política floresceu “o costume de absorver desentendimentos e conflitos numa urdidura cerrada de conchavos e de compromissos intra-muros, que impediam facções e conflitos de tomarem proporções políticas ameaçadoras. É o seu modo de reexplicitar o sentido da cordialidade nos costumes políticos brasileiros, oligárquicos, pessoais, fechados e capazes de transcenderem a violência quotidiana sob uma aparência de harmonia, que confirmava o peso do controle social e político exercido por minorias extremamente reduzidas”<sup>74</sup>.

Em “A democracia improvisada”, capítulo II de *História Geral da Civilização Brasileira* (t.2, v.5), e em “Nossa revolução”, último capítulo de *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda mostra como a falta de bases para o sistema representativo, bem como a sua distorção, tanto no Império quanto na República, serviram para a cristalização de uma democracia de fachada que foi se modificando e se reelaborando no decorrer da história política brasileira.

“A afirmação da independência não podia suprir por si só algumas lacunas sérias da organização preexistente. Em alguns casos iriam servir, para agravá-las. Assim sendo, a democracia só haveria de ser, por força, aparência vã”<sup>75</sup>.

No Brasil, desde seus primórdios, faltou o elemento que em toda parte constituiu o nervo das democracias: um sistema representativo digno desse nome. Para Sérgio Buarque de Holanda a questão sempre foi: qual a base para a representação que existiu no Brasil? Sempre se produziram as condições, em todos os momentos, para a distorção cada vez mais acentuada dos princípios democráticos. Está na base desse processo a elitização e a oligarquização do poder impregnadas como uma nódoa na política brasileira.

Em “A democracia improvisada”, Sérgio Buarque de Holanda, afirmava que, no Império, o processo político seguia, sempre, alheio ao princípio que rege o sistema de representação. O patronato maculava qualquer possibilidade de existência de uma democracia representativa. No Brasil, o grande problema era como tirar quase do nada um corpo de votantes condizentes com a fachada democrática.

---

<sup>74</sup> DIAS, op. cit. p. 52-3.

<sup>75</sup> HOLANDA, S. B. de. A democracia improvisada. op. cit. p.80.



A criação das bases de um sistema representativo que seria o centro nervoso de um regime democrático estaria, para Sérgio Buarque de Holanda, na possibilidade da derrota do predomínio das oligarquias, o que não foi possível no Império ou na República. O sistema representativo torna-se uma farsa mal-encenada<sup>76</sup>.

“Assim, a ausência de verdadeiros partidos não é entre nós, como há quem o suponha singelamente, a causa de nossa inadaptação a um regime legitimamente democrático, mas antes um sintoma dessa inadaptação”<sup>77</sup>.

Ficou demonstrado que para este autor, as condições políticas brasileiras não permitiram aperfeiçoar os elementos básicos para a existência de uma sociedade democrática. É inegável que a democracia pairou idealmente, em alguns momentos da nossa história política (como, por exemplo, no segundo reinado), mas na prática prevaleciam os elementos que impossibilitavam a criação de bases para a democracia.

Em “Nossa revolução”, capítulo VII de *Raízes do Brasil*, Sérgio B. de Holanda mostra que esse processo levou ao alheamento político que está culturalmente incrustado no espírito do povo brasileiro.

## Cultura e democracia

A separação entre vida social e vida política, responsável pela ausência de condições para a existência da democracia, era engendradora e engendrava ao mesmo tempo o alheamento da política como algo culturalmente presente no espírito do brasileiro, o que demonstra, segundo Sérgio Buarque de Holanda, que não faltavam apenas bases sócio-políticas mas também culturais, para a democratização.

A transformação complexa e verdadeira na estrutura da vida social<sup>78</sup> passa por todas as esferas: econômica, social, política e cultural. A lei não impõe por si só uma ordem social democrática; esta última depende dos costumes, dos valores, ou seja, da cultura.

## A democracia em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda

Maria José de Rezende

---

<sup>76</sup> HOLANDA, S. B. de. A democracia improvisada. op. cit. p.80.

<sup>77</sup> Ib, Nossa revolução. In: *Raízes do Brasil*. op. cit., p. 137.

<sup>78</sup> Ibid, p.132 et seq.



**A democracia em Gilberto Freyre e Sérgio  
Buarque de Holanda**  
Maria José de Rezende

A democracia é também, para ele, uma forma de cultura, de valores. No entanto, como foi demonstrado anteriormente, na sua concepção de democracia não há desprezo pelo papel das instituições e sim uma relação de complementariedade entre as bases políticas e culturais na sua realização.

Os fundamentos personalistas e aristocráticos sobre os quais assentam a nossa vida social se mantêm e se reproduzem através de valores e costumes que impregnam gerações sucessivas. Isto demonstra que é muito difícil revogar “a velha ordem colonial e patriarcal, com todas as conseqüências morais, sociais e políticas que ela acarretou e continua a acarretar”<sup>79</sup>.

A revogação de uma ordem moral, social e política seria possível através de mudanças radicalmente democráticas que deveriam ser absolutamente diferentes de todas as mudanças anteriores, na medida em que estariam marcadas pela verticalidade. Em síntese, para o autor de *Raízes do Brasil*, a democracia, que nunca tinha existido de fato no Brasil, poderia ser alcançada se o processo de sua constituição fosse popular. Esta seria a *nossa revolução* que poderia romper, nos planos político e cultural, com o dilema entre cordialidade e democracia.

“Todo o pensamento liberal-democrático pode resumir-se na frase célebre de Bentham: ‘A maior felicidade para o maior número’. Não é difícil perceber que essa idéia está em contraste direto com qualquer forma de convívio humano baseada nos valores cordiais. Todo afeto entre os homens funda-se em preferências. (...) A benevolência democrática é comparável (...) à polidez, resulta de um comportamento social que procura orientar-se pelo equilíbrio dos egoísmos. (...) Com a simples cordialidade não se criam os bons princípios. É necessário algum elemento normativo sólido, inato na alma do povo (...)”<sup>80</sup>.

A sociedade democrática é uma sociedade superior que só poderia emergir das necessidades específicas de cada povo. “As formas superiores da sociedade devem ser como um contorno congênito a ela e dela inseparáveis: emergem continuamente das suas necessidades específicas e jamais das escolhas caprichosas”<sup>81</sup>.

---

<sup>79</sup> HOLANDA, S. B. Nossa revolução. In: *Raízes do Brasil*. op. cit., p. 135.

<sup>80</sup> Ibid, p. 140.

<sup>81</sup> Ibid, p. 142.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS: UMA BREVE COMPARAÇÃO ENTRE AS CONCEPÇÕES DE DEMOCRACIA DE GILBERTO FREYRE E SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

**A democracia em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda**  
Maria José de Rezende

Os pontos levantados para elucidar o significado da democracia para os dois autores aqui analisados apontam para grandes diferenças entre eles; o que pode ser detectado tanto no plano teórico-metodológico quanto no plano das posições e perspectivas políticas de cada um.

Os livros *Cobra de Vidro* e *Tentativas de Mitologia* de Sérgio Buarque de Holanda contêm elementos importantes para uma comparação com Gilberto Freyre no plano de análise teórico-metodológica. Havia um certo diálogo do primeiro em relação ao segundo muito mais evidente do que vice-versa.

Em *Cobra de Vidro*, Sérgio B. de Holanda critica Almir de Andrade que, em 1941, anunciara em seu livro *Introdução à Sociologia*, que “Gilberto Freyre inaugurou a aplicação do método histórico-cultural à análise crítica da formação social brasileira”. Para Holanda, permanecia a questão da necessidade de “procurar o que possa haver de comum entre os processos de análise do sociólogo pernambucano e o que se entendeu até aqui por método histórico-cultural”<sup>82</sup>.

Sérgio Buarque de Holanda afirma que julgava acertada a crítica de Gilberto Freyre às tentativas de explicação racial no sentido biológico do termo. No entanto, cuida de ressaltar que não via realmente “como as explicações raciais possam, por si sós, levar a grande coisa no estudo dos fatores culturais”<sup>83</sup>.

Em *Tentativas de Mitologia*, última publicação de Sérgio Buarque de Holanda, há uma resenha crítica de *Sobrados e Mucambos* na qual a ênfase recai tanto sobre a aplicação do conceito de forma social como também na sobreposição do ideal e do místico em relação aos fatores definidores de uma ordem econômica e material, propostos por Freyre<sup>84</sup>.

Neste mesmo texto, Sérgio Buarque de Holanda ressaltou que Gilberto Freyre utilizou um realismo excessivo que acabou por

---

<sup>82</sup> HOLANDA, S. B. de. *Cobra de vidro*. 2 ed, São Paulo, Perspectiva, 1978. p. 46.

<sup>83</sup> Ibid. p. 79.

<sup>84</sup> Ib, *Tentativas de mitologia*. São Paulo, Perspectiva, 1979. p. 109.



**A democracia em Gilberto Freyre e Sérgio  
Buarque de Holanda**  
Maria José de Rezende

acentuar o aparente, o casual e o excêntrico. O fundamental, para o autor de *Raízes do Brasil*, era a elaboração de uma análise desmistificadora do passado, justamente o que Freyre não tinha feito.

Essas considerações são plenamente elucidativas para pensar a diferença entre os dois autores aqui trabalhados em relação à questão da democracia. Gilberto Freyre trabalhava com as condições que favoreceram a existência de uma democracia social e racial no Brasil. No entanto, Sérgio Buarque de Holanda, ao aprofundar os estudos das peculiaridades de nosso sistema político, ressaltava a ausência de bases sociais para a democracia.

Há uma enorme imprecisão do significado do termo democracia em Gilberto Freyre, pois ela aparece associada aos elementos universais da personalidade humana, e é mostrada como algo que pairou idealmente sobre a sociedade brasileira, mas sem discutir as condições reais de participação ou exclusão política da grande maioria da população.

Esta imprecisão possibilitava que o autor de *Casa Grande e Senzala* falasse em democracia e ao mesmo tempo desprezasse as instituições. Em 1953, no livro *Aventura e Política*, ele afirma que as instituições democráticas não tinham de fato nenhum papel.

Sérgio Buarque de Holanda considerava as instituições políticas fundamentais, ou seja, o personalismo e a oligarquia seriam vencidos à medida que se desenvolvesse um sistema representativo eficaz, um parlamento não fraudulento, um sistema eleitoral com menos imperfeições possíveis, etc. Isto significaria criar as verdadeiras condições políticas para ir rompendo o processo de exclusão social e político da maioria. Este processo se daria lentamente, pois as mudanças seriam internalizadas a nível dos valores, da cultura, etc.

Sérgio Buarque de Holanda combate a todo momento a falsa democracia de bases subvertidas que se defendia no Brasil. Esta idéia já estava presente em *Raízes do Brasil*, onde ficou explícito que nunca houvera democracia no Brasil; o que foi reafirmado por ele numa entrevista de 1976, já citada.

Gilberto Freyre ressaltava os traços oligárquicos do passado como elementos que não desfavoreciam a existência da democracia.





Para Sérgio Buarque de Holanda, no entanto, estes elementos eram totalmente desabonadores e através dos tempos vinham maculando qualquer possibilidade de democratização da vida social.

Para o último autor citado, apenas uma transformação revolucionária do presente poderia criar as condições indispensáveis para que a democracia deixasse de ser apenas uma fachada. O conhecimento do passado deveria ser utilizado para derrotar os elementos autoritários e excludentes da vida política e social brasileira e jamais para justificar a sua permanência.

Sérgio Buarque de Holanda afirmava que a democracia só vingaria entre nós se fosse derrotada a mentalidade senhorial que contaminava tudo e todos através dos tempos. O modo de ser oligárquico permanecia como uma nódoa que dificultava grandemente a construção de uma sociedade fundamentada na publicização das relações sociais.

Não há nenhuma dúvida de que, em Gilberto Freyre, a democracia no Brasil tomava forma entre os mais iguais. O fato de haver indivíduos que, independentemente de cor ou raça galgavam, pelo talento, os mais altos postos era tido como prova concreta da existência de elementos democratizantes. O talento igualava os mestiços aos brancos e a ascensão social fincada nestas bases era, para ele, a maior prova de nosso espírito democrático.

Em entrevistas no início da década de 70,<sup>85</sup> Gilberto Freyre definia a democracia como um regime baseado no sentimento de liberdade, apreço à diversidade e à tolerância. E como todos esses traços faziam parte de nossa tradição, segundo ele, o patriarcalismo oligárquico tinha nos deixado como herança uma tradição democrática.

Já Sérgio Buarque de Holanda considerava o nosso passado oligárquico responsável pela extrema dificuldade encontrada para democratizar o Brasil. A nossa tradição política era, em todos os sentidos, a negação da democracia. A defesa de uma revolução vertical tinha o objetivo de demonstrar que as bases da democracia tinham que ser criadas não a partir de nosso passado oligárquico, mas apesar dele.

#### A democracia em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda

Maria José de Rezende

---

<sup>85</sup> FREYRE, G. Sábios e políticos. *Veja*, São Paulo, nº194, 24 maio 1972. p. 16.  
Ib, Se fôsse jovem, seria hippie. *Veja*, São Paulo, nº 84, 15 abril 1970. p. 3-6.  
Ib, O fiel do poder moderador. *Veja*, São Paulo, nº 198, 21 jun. 1972. p.40-49.



**A democracia em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda**

Maria José de Rezende

O traço marcante do sistema político oligárquico brasileiro sempre foi o nítido desprezo pelas classes populares, assinala Sérgio B. de Holanda,<sup>86</sup> e nenhuma democracia pode estabelecer suas bases a partir dessas condições de exclusão social. É necessário, portanto, subvertê-las.■

---

<sup>86</sup> HOLANDA, S.B. de A democracia é difícil. *Veja*, São Paulo, n.386, p.4, 28 jan. 1976.

REZENDE, Maria José de. The Democracy in Gilberto Freyre and Sérgio Buarque de Holanda. **Plural**; Sociologia, USP, S. Paulo, **3**: 14-48, 1. sem. 1996

*Abstract:* This article is a reflexion on the issue of democracy according to two important Brazilian scholars: Gilberto Freyre and Sérgio Buarque de Holanda. It is an attempt to demonstrate the foundations of two distinct strategies of analyses, which elaborated, each one on its own way, a re-evaluation of the Brazilian society 's patterns of dominion and culture.

*Uniterms:* Brazil - democracy - authoritarianism - race - culture - public - private.

## BIBLIOGRAFIA

AVELINO FILHO, G. As raízes de "raízes do Brasil". *Novos Estudos Cebrap*, n.18, São Paulo, set. 1987.

BARBOSA, F. de Assis (org). *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Rio de Janeiro, Rocco, 1989.

BASTOS, Elide, R. *Gilberto Freyre e a formação da sociedade brasileira*. São Paulo, Puc, Tese de doutorado, 1986.

\_\_\_\_\_. Gilberto Freyre e a questão nacional. In: MORAES, R; ANTUNES, R; FERRANTE, V.B. (orgs). *Inteligência brasileira*. São Paulo, Brasiliense, 1986.



DIAS, M.O.L. da Silva (org). *Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo, Ática, 1985. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, nº 51).

**A democracia em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda**  
Maria José de Rezende

FREYRE, G. *Interpretação do Brasil*. São Paulo, J. Olympio, 1947.

\_\_\_\_\_. *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. Rio de Janeiro, Artenova, 1977.

\_\_\_\_\_. *Nordeste*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1967.

\_\_\_\_\_. *Casa grande e senzala*. T.1. Rio de Janeiro, J.Olympio, 1981.

\_\_\_\_\_. *Ordem e progresso*. t.1, t.2. Rio de Janeiro, J.Olympio, 1962.

\_\_\_\_\_. *Sobrados e mucambos*. t.2. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1961.

\_\_\_\_\_. *Aventura e política*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1953.

HOLANDA, Sérgio B. de. A democracia é difícil. *Veja*, nº386, São Paulo, 28 Jan. 1976.

\_\_\_\_\_. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1987.

\_\_\_\_\_. *Visão do Paraíso*. São Paulo, Nacional, 1969.

\_\_\_\_\_. *Cobra de vidro*. São Paulo, Perspectiva, 1978.

\_\_\_\_\_. *Tentativas de mitologia*. São Paulo, Perspectiva, 1979.

\_\_\_\_\_. *Caminhos e fronteiras*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1957.

\_\_\_\_\_. (org). *História geral da civilização brasileira*. São Paulo, Difel, 1960, 1964, 1972. t.1, v.2; t.2,v.2; t.2,v.5.

MARTINS, W. *História da inteligência brasileira*. v.5, v.6, v.7. São Paulo, Cultrix/Edusp, 1977 e 1978.

PECAUT, D. *Os intelectuais e a política no Brasil*. São Paulo, Ática, 1990.

*Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*. São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura/IEB-USP, 1988.

VILLAS-BÔAS, G. O tempo da casa-grande. *Dados*, Rio de Janeiro, n. 31, n.3, 1988. p. 343-355.